Voz e identidade em coros trans: um relato de experiência sobre o Coro Llista Trans

Comunicação

GTE 15 – Gênero e Sexualidade na Educação Musical

Manu Aldebaran Teixeira Santos
UFPR
emanuelateixeira7@gmail.com

Viviane Alves Kubo
UFPR
vivi.kubo@ufpr.br

Resumo: Este artigo discute a criação do Coro Llista Trans e o ensino do canto para vozes trans no contexto do canto coral. O objetivo do trabalho[1] é refletir sobre os principais desafios e estratégias envolvidos na condução de coros compostos por pessoas trans, a partir de um relato de experiência articulado a uma revisão de literatura. A fundamentação teórica baseia- se em estudos sobre a fisiologia da voz trans, com ênfase nos efeitos da hormonização e nas especificidades do ensino de canto para essas vozes, especialmente no que diz respeito à classificação vocal e a identidade trans. O relato contempla aspectos centrais da condução do coro, como a organização dos naipes, o manejo técnico-vocal e a seleção do repertório. Como considerações finais, destaca-se a relevância da pesquisa para a área da educação musical e da pedagogia vocal, bem como a importância do protagonismo trans na produção do conhecimento acadêmico sobre o tema.

Palavras-chave: Coro trans; Vozes trans; Pedagogia vocal para vozes trans.

Introdução

A criação e consolidação de um coro formado exclusivamente por pessoas trans e travestis implica em uma série de desafios e urgências que atravessam o fazer vocal. Trata-se não apenas de um trabalho técnico e musical, mas de um espaço que exige escuta, cuidado e responsabilidade com as vivências de cada participante. A condução de um coro, nesse

[1] O presente trabalho apresenta parte da pesquisa desenvolvida no TCC de Manu Santos, primeira autora do artigo, defendido em 2024, no curso de Licenciatura em Música da UFPR, orientado pela professora Dra. Viviane Kubo, segunda autora do texto.

contexto, precisa ir além de questões como repertório, técnica vocal e afinação, considerando aspectos importantes como a insegurança com a própria voz e o histórico de exclusões que marcaram a trajetória escolar e social de muitas dessas pessoas.

Um dado importante para compreender essa realidade é que, enquanto 30,6% da população cisgênero[2] afirma ter ensino superior completo, o mesmo percentual (30,6%) da população trans não passou do ensino fundamental (Costa, 2019). Isso revela a profundidade da desigualdade estrutural e a importância de projetos que promovam pertencimento e valorização de trajetórias dissidentes no campo da educação musical. A exclusão de pessoas trans e travestis nos ambientes educacionais é amplamente documentada (Xavier; Vianna, 2022), sendo fator determinante para a evasão escolar, a precarização do acesso ao conhecimento e o apagamento de outras epistemologias de existência.

Neste cenário, a Llista Trans[3], parte do projeto de extensão Labvox – Laboratório de Práticas e Ensino de Canto da Universidade Federal do Paraná (UFPR), criado em setembro de 2023, nasce como uma ação artística e pedagógica voltada à formação vocal de pessoas trans e travestis. O coro, idealizado e conduzido por Manu Santos, primeira autora deste artigo, reúne vozes que, por vezes, nunca tiveram oportunidade de cantar em grupo ou sequer de explorar suas vozes sem julgamento. Ao todo, foram 44 inscritos em sua primeira formação, entre homens trans, mulheres trans e pessoas não binárias, número que, por si só, já justifica a relevância e a necessidade de iniciativas como essa.

A proposta da Llista Trans é atravessada por questões específicas que demandam um olhar técnico-vocal diferenciado. A hormonização, por exemplo, provoca mudanças importantes na musculatura e na ressonância da voz, exigindo novos ajustes para que o canto se mantenha saudável e expressivo (Constansis, 2008 *apud* Hearns; Kremer, 2018). Além dos aspectos fisiológicos, questões emocionais e simbólicas emergem com força no trabalho vocal, como a resistência em utilizar determinados registros, o incômodo com determinadas frequências ou mesmo a dificuldade de se reconhecer na própria emissão vocal.

Nesse sentido, o distanciamento de professores cisgêneros que não tiveram formação

[2] A expressão "cisgênero" refere-se a indivíduos cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído ao nascimento.

[3] O nome do Coro **Llista Trans** utiliza a repetição dos dois Ls como recurso visual, formando uma imagem que remete a uma bandeira com três faixas, referência direta à bandeira da comunidade trans e foi proposto pela artista visual, designer e estudante do curso de comunicação pela UTFPR Leticia Dias.

sobre diversidade de gênero pode comprometer a relação de confiança necessária ao processo de ensino. Quando o professor não compreende o impacto que a linguagem, o repertório, a abordagem corporal ou a simples nomeação vocal podem causar, abre-se espaço para a reprodução de violências simbólicas e técnicas. É por isso que ainda são escassos os materiais de cunho pedagógico que tratam especificamente do ensino de canto para pessoas trans — e os que existem, em geral, são produzidos por pesquisadores cisgêneros, como João Gustavo Kienen (2020), Jully Vidal (2020), Guimarães Silva (2020), e Ana Paula Vieira Ferrini (2018).

Desta forma, o presente trabalho consiste em uma reflexão sobre a criação e consolidação do Coro Llista Trans, articulando as experiências da primeira autora deste trabalho enquanto idealizadora e regente do coro com o referencial teórico referente a especificidade da voz trans e do ensino de canto para pessoas trans. Mais do que uma proposta musical, esta pesquisa é um gesto político, ético e pedagógico. Um esforço de construção de espaços onde as vozes trans possam soar com liberdade, potência e presença, dentro e fora do palco.

A voz trans

A voz é um elemento fundamental na construção da identidade e passa por processos de construção e adaptação na vivência de pessoas trans, conforme suas identidades e expressões de gênero (Barros, 2017). Essas expressões podem se manifestar de formas variadas, indo além do binarismo, sendo que as características vocais dessas pessoas refletem essa diversidade (Hearns; Kremer, 2018).

A hormonização é um dos principais fatores que influenciam as alterações vocais durante a transição, embora seus efeitos dependam do tipo de andrógeno utilizado e aspectos individuais como idade e genética (Hearns; Kremer, 2018). No Brasil, pessoas transexuais e travestis podem passar pelo processo de hormonização de maneira gratuita pelo SUS, com objetivo de adquirir alterações corporais a partir da manipulação dos níveis hormonais se assim desejarem.

> A institucionalização do Processo transexualizador no Brasil se deu no ano de 2008 quando o Ministério da Saúde (MS), por meio da Portaria No. 457/08, credenciou quatro Hospitais Universitários (HU's), vinculados às Universidades Federais e Estaduais, para a realização de cirurgias de redesignação em mulheres transexuais. Trata-se de um evento extremamente complexo, em torno do qual se articulou uma ampla variedade de sujeitos e determinações que não podem ser compreendidas sem que se observe as características e o modo de ser dos governos petistas e a forma como esses governos − sobretudo o governo Lula − lidaram com as políticas públicas e com a maneira de implementá-las, particularmente quando isso envolvia uma forte presença de movimentos sociais, como foi o caso das ações voltadas para o campo LGBTQIA+ (Santos, 2022, p. 3).

No entanto, o processo transexualizador pelo feito pelo SUS passa por uma fila de espera, que pode durar alguns anos, sendo este o principal motivo para o fato de que é comum pessoas trans iniciarem a hormonização por conta própria. Conforme o "Protocolo para o atendimento de pessoas transexuais e travestis" do município de São Paulo (2020): "Muitas pessoas já se apresentam ao serviço de saúde usando hormônios, frequentemente inapropriados em relação à sua condição de saúde ou administrados de maneira potencialmente danosa à sua integridade física".

Em identidades trans masculinas, o uso da testosterona promove o espessamento das pregas vocais, reduzindo a frequência fundamental da voz (Hearns; Kremer, 2018). Caso a hormonização aconteça após o período da adolescência, existem casos de uma incongruência entre o aumento da massa das pregas vocais e das estruturas laríngeas e do trato vocal, que não crescem com o uso da testosterona (Constansis, 2008 *apud* Hearns; Kremer, 2018). A voz fica inicialmente fraca, com alcance reduzido, e estabiliza após 8 a 24 meses, melhorando em qualidade e extensão (Constansis, 2008 *apud* Hearns; Kremer, 2018).

Já em identidades trans femininas, o uso do estrogênio e antiandrógenos não promove mudanças substanciais nas pregas vocais, e por isso a frequência fundamental da voz permanece geralmente inalterada (Mastronikolis, 2013 *apud* Hearns; Kremer, 2018). No entanto, podem ocorrer alterações na mucosa das pregas vocais, como inchaço e produção de muco, afetando a lubrificação e resistência vocal (Kadakia, Carlson; Sataloff,2013 *apud* Hearns; Kremer, 2018). Isso pode tornar a voz mais sensível e instável, exigindo cuidados específicos para sua manutenção.

Do ponto de vista comportamental, a voz é construída a partir de arquétipos e padrões sociais que associam, por exemplo, voz grave à masculinidade (Butler, 1999). O trabalho vocal para pessoas trans envolve, assim, não apenas ajustes fisiológicos, mas também a adequação da expressão sonora a esses referenciais identitários. Neste contexto, a feminilização vocal pode incluir o aumento da frequência fundamental, a modulação da ressonância e a introdução de características como a soprosidade para aproximar-se do padrão feminino (Gómez-Raya, 2018). Por outro lado, a masculinização vocal pode priorizar timbres mais graves e padrões articulatórios associados a uma fala masculina (Markova, 2016 *apud* Hearns; Kremer, 2018).

Vale destacar que a busca pela "passabilidade" vocal, ou seja, a semelhança entre vozes trans e cis, pode ser desafiadora e frustrante, pois as trajetórias fisiológicas e vivenciais são distintas e muitas vezes estereótipos vocais podem ser reforçados em sala de aula. Nem todo homem trans quer tornar sua voz grave, assim como nem toda mulher trans deseja ter uma voz mais aguda. Por isso, o ensino de canto para pessoas trans demanda sensibilidade e conhecimento técnico que respeitem essas particularidades e valorizem a singularidade de cada voz.

Técnica Vocal para vozes trans

Apesar de ainda existirem poucas pesquisas sobre ensino de canto para vozes trans, o tema torna-se objeto de diversos estudos principalmente na segunda década do século XXI. O trabalho de Lessley (2017) aborda o ensino de canto para vozes trans por meio de uma reflexão sobre as questões fisiológicas, sociais e legais, propondo estratégias de ensino de canto com base nessas premissas. Pesquisadores como Kienen e Silva (2020) e Hearns e Kremer (2018) apontam alguns dos desafios durante a formação de cantores trans e travestis, destacando o processo individual relacionado à formação da identidade vocal e transição e a frequente sensação de incongruência entre as características vocais de pessoas trans e as características vocais associadas com vozes ditas femininas e masculinas como questões centrais a serem consideradas por professores de canto. Barros (2017), Kienen e Silva (2020), Ferrini (2018) também discutiram os desafios para a formação de cantores transgêneros, apresentando estudos que abordam formas de se trabalhar com essas vozes, garantindo saúde vocal e sem desconfortos para o indivíduo. No geral, os estudos apontam

como o trabalho vocal com vozes trans envolve ajustes técnicos que consideram a fisiologia e as vivências emocionais, sendo que a técnica vocal deve ser ensinada com respeito aos diferentes corpos e experiências.

Para criar um ambiente de ensino inclusivo, a comunicação é essencial. Professores devem refletir sobre seus próprios conceitos de gênero, linguagem e respeitar a identidade de gênero dos alunos (Hearns; Kremer, 2018). O respeito pelos pronomes de tratamento é um aspecto essencial para que pessoas trans se sintam acolhidas e respeitadas. “Se você está recebendo novos cantores, peça que se apresentem a todos em um grupo, e peça a todos que compartilhem o pronome de gênero que preferem de modo a criar um ambiente confortável para pessoas trans” (Conley, 2017 *apud* Kienen; Silva, 2020, p. 5).

No Brasil, onde a violência contra pessoas trans é alta, professores têm papel importante na proteção emocional e social de seus estudantes (Hearns; Kremer, 2018). Por isso é importante que educadores desprendam um olhar atencioso sobre a forma como pessoas trans confidenciam suas identidades de gênero no contexto da sala de aula. Como a própria transição em muitos casos está restrita à relação entre professor e aluno, essa não deve ser revelada sem seu consentimento para preservar sua integridade e segurança (Fahri, 2014 *apud* Hearns; Kremer, 2018).

Classificação vocal

As vozes são tradicionalmente classificadas por extensão e timbre, geralmente ligadas ao gênero (soprano/contralto para mulheres; tenor/baixo para homens). Isso pode excluir pessoas trans, já que existem mulheres trans com vozes graves ou homens trans com vozes agudas (Hearns; Kremer, 2018). A relação entre voz e gênero pode causar desconforto e reforçar estereótipos que potencializam crises de identidade, como relatado por Kienen e Silva (2020).

Michael Chipman (2017) mostrou que desassociar a classificação vocal do gênero ajuda a aliviar esse desconforto, apresentando repertórios diversos que não reforçam estes estereótipos. Ely Conley, cantor trans, sugere classificar vozes apenas pela tessitura, promovendo ambientes em que alunos compartilhem seus pronomes para maior conforto (Conley, 2017 *apud* Kienen; Silva, 2020).

No canto coral, por exemplo, é importante desassociar os naipes com gêneros

específicos. Baixos, barítonos e tenores podem ser chamados de “vozes graves” ao invés de “vozes masculinas”, termo que reforça a relação entre sons graves e masculinidade, visto que é muito comum pessoas de identidade trans feminina possuírem vozes graves.

> Em vez de pedir “todos os homens”, use uma linguagem neutra em termos de gênero, como “vozes baixas” ou “baixos e tenores”. Pode haver um cantor de voz baixa que não se identifica como homem e que será excluído pela linguagem de gênero (Hearns; Kremer, 2018, p. 28, tradução própria).

Nesse sentido, concordamos com Caldeira (2021) ao afirmar que o ensino de canto para vozes trans deve superar o binarismo vocal, em favor de uma pedagogia vocal inclusiva:

> Para promover um ensino de canto que ultrapasse as barreiras de um binarismo vocal em função de gênero é necessário que as pessoas se sintam seguras nos espaços de formação de cantores. É preciso que as prerrogativas sobre como uma voz deve soar em função gênero ou das características anatômicas do aparelho fonador sejam abandonadas. Nessa perspectiva, há que se lembrar que os padrões de vozes que representam homens e mulheres não passam de uma “invenção humana” e que a voz não tem que se ater a eles (Caldeira, 2021, p. 33).

Apesar disso, levando em consideração as questões sociais ainda presentes sobre a classificação vocal e gênero, é importante considerar a forma como a atribuição de um naipe para cantores trans pode causar desconforto. Palkki (2017) destaca que o processo de adaptação vocal para estudantes trans pode demandar tempo e tentativas, mas é essencial para evitar que a pessoa se sinta forçada a cantar em um naipe que cause disforia de gênero. Para o autor:

> A abordagem individualizada, acordada entre o estudante trans e o professor de coro, deve basear-se no grau de conexão, se houver, entre a voz do estudante e sua identidade de gênero. O estudante e o professor de coro devem manter um diálogo contínuo para garantir que o estudante se sinta confortável (Palkki, 2017, p. 27).

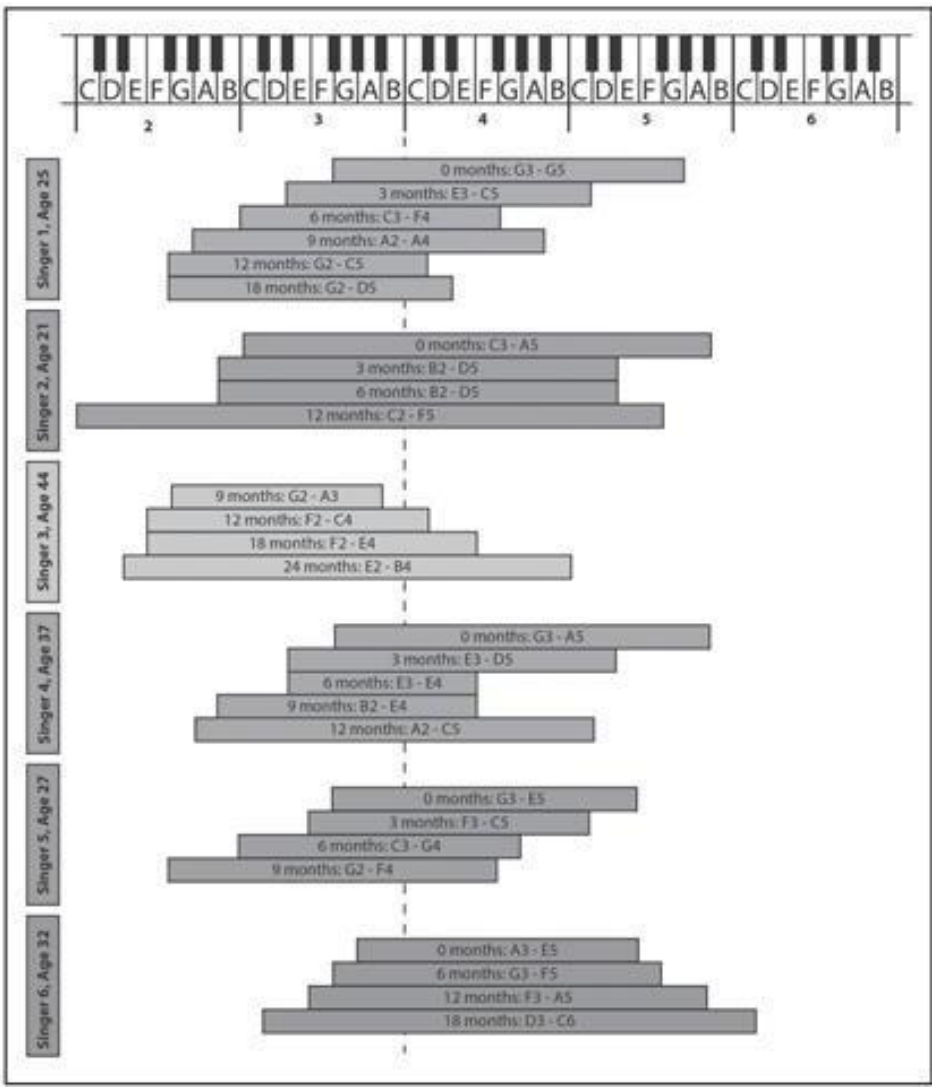
Aspectos técnicos vocais no ensino da voz trans

O processo de transição e as mudanças hormonais influenciam o ensino do canto para pessoas trans. O controle da respiração, por exemplo, fundamental para a produção vocal, pode ser afetado pelo uso de roupas modeladoras como o *binder* ou espartilhos, comuns no cotidiano de pessoas trans (Hearns; Kremer, 2018). Esses acessórios podem

dificultar a respiração, gerar tensões e limitar a mobilidade necessária para o canto (Gau, 1998 *apud* Hearns; Kremer, 2018). Por isso, o professor deve dialogar com os alunos para adaptar exercícios e evitar desconfortos, priorizando relaxamento muscular e movimentos naturais do diafragma.

Na hormonização com testosterona, comum em identidades trans masculinas, ocorre instabilidade vocal nos primeiros 12 meses, com alterações no alcance e qualidade da voz, estabilizando em torno de dois anos (Hearns; Kremer, 2018). Durante esse período, o treino deve focar também em respiração, articulação e apoio, mantendo a saúde vocal para evitar rouquidão (Constansis, 2008 *apud* Hearns; Kremer, 2018).

FIGURA 1: Extensão vocal de identidades trans masculinas durante hormonização com testosterona



Fonte: Hearns e Kremer (2018, p. 94).

Em identidades trans femininas que usam estrogênio acompanhado do antiandrógeno, as mudanças vocais são menores, mas a melhora na autoimagem pode aumentar a confiança e facilitar o trabalho vocal (Hearns; Kremer, 2018).

> Apesar da falta de mudanças significativas no alcance vocal ou no timbre, as mudanças psicológicas e emocionais que ocorrem à medida que a aparência da aluna se alinha melhor com o seu gênero afirmado podem ser úteis. O aumento da confiança pode certamente desempenhar um papel importante na melhoria da saúde da voz e na capacidade de adotar novas técnicas (Hearns; Kremer,2018, p. 99, tradução própria).

Apesar do período de hormonização apresentar essa instabilidade, é crucial que o treino vocal ocorra neste período.

> Manter uma saúde vocal excepcional e continuar a usar os registros superiores durante os exercícios vocais ajudará a manter a elasticidade do tecido das pregas vocais e poderá ajudar a prevenir a rouquidão ou a perda total das notas dos registros superiores (Constansis, 2008 *apud* Hearns; Kremer, 2018, p. 94, tradução própria).

A voz que passou pela influência da testosterona na adolescência sofre mudanças irreversíveis. Neste sentido, no caso das vozes trans femininas, quando há o desejo de desenvolver a região aguda, é possível trabalhar com exercícios específicos que, combinados à manipulação da ressonância, ajudam a alcançar características mais “femininas” na voz.

> Os exercícios para orientar um cantor em direção à extensão da faixa superior e à exibição de marcadores de gênero feminino nessa faixa superior incluiriam o fortalecimento do cricotireoideo, o controle eficiente da respiração e a liberação de tensão, especialmente na base da língua. Alternar entre voz de peito e voz de cabeça através de saltos intervalados pode aumentar a consciência da sensação de liberação dos músculos tireoaritenoideos em favor dos músculos cricoaritenoideos (Hearns; Kremer, 2018, p. 112, tradução própria).

Exercícios que trabalham o alongamento do trato vocal são indicados e precisam ser feitos com cuidado, para evitar tensões ou hiperatividade dos músculos extra laríngeos (Hearns; Kremer, 2018). Quando combinados a uma posição baixa da laringe, esses exercícios ajudam a criar timbres mais profundos e escuros, características associadas a uma sonoridade masculina (Markova, 2016 *apud* Hearns; Kremer, 2018).

Preparação vocal e identidade no Coro Llista Trans

O Coro Llista Trans iniciou suas atividades em setembro de 2023. Composto apenas por cantores trans e travestis de Curitiba e região metropolitana, o grupo é formado por pessoas de diferentes faixas etárias e experiências artísticas, como estudantes de artes visuais, dança, teatro e poesia. Essa mescla de diversas trajetórias e experiências foi fundamental para a produção do grupo.

Poucos integrantes possuíam experiência formal com canto coral ou com o estudo do canto. Neste sentido, habilidades como leitura rítmica ou melódica de partituras não foram requisitos obrigatórios para participar do grupo, pois esses aspectos foram desenvolvidos ao longo do processo de ensino. A escolha em não exigir conhecimentos prévios foi ao encontro do contexto de falta de oportunidades para a população trans (Costa, 2019), promovendo uma maior acessibilidade ao projeto.

O grupo foi constituído e caracterizado pela pluralidade, contemplando diferentes identidades entre homens, mulheres trans e pessoas não binárias, com distintas expressões de gênero e processos únicos de transição. Para garantir que o espaço fosse acolhedor e respeitoso para todos os coralistas, foram adotadas algumas estratégias, como momentos de apresentação, nos quais cada coralista teve a oportunidade de dizer seu nome e pronome de tratamento. Além disso, foram confeccionados broches com os pronomes de cada pessoa, a fim de evitar desconfortos, especialmente em ambientes externos.

A divisão das vozes foi um passo inicial essencial para o trabalho e construção do repertório do grupo. Para tal, inicialmente foram realizados encontros individuais para conhecer cada voz e para mapear a questão da hormonização: se a pessoa estava passando pelo processo no momento, em que etapa estava, se já passou pelo processo anteriormente e em quanto tempo, entre outros aspectos. Esse contato inicial foi essencial, pois, como vimos, a hormonização afeta de forma substancial a voz e o canto (Hearns; Kremer, 2018). Compreender o momento em que a pessoa se encontra no processo de transição e sua identidade vocal oportunizou um mapeamento importante sobre as tessituras, timbres e sonoridades possíveis do coro.

Com base na literatura e na experiência da primeira autora, regente e preparadora vocal do coro, ao longo da implementação do coro, ficou claro que a classificação vocal em um coro formado por pessoas trans é, em muitos casos, “provisória”. Há diversas situações

em que as vozes mudaram de naipe, especialmente quando vozes agudas passaram a se encaixar nos naipes graves, como ocorre com identidades transmasculinas cujas vozes foram ou serão afetadas pela testosterona.

Neste sentido, foi utilizado no coro a terminologia de “vozes graves” e “vozes agudas”, em vez de vozes femininas ou masculinas, seguindo a orientação documentada na literatura(Hearns; Kremer, 2018; Kienen; Silva, 2020; Caldeira, 2021). Além disso, os naipes foram considerados como instrumentos, com suas tessituras e características tímbricas. Essa postura oportunizou que os coralistas desassociassem as regiões agudas e graves da voz com o binarismo de gênero, oportunizando experimentações e formas mais livres de vivenciar a própria voz.

FIGURA 2 – Performance do Coro Llista Trans



Fonte: Joyce Firzst, 2024.

Em relação ao manejo técnico vocal, foram aplicadas estratégias de alongamento, treino respiratório para o canto, aquecimento, prática de repertório e desaquecimento. Em relação à postura e aspectos respiratórios, notou-se um padrão postural em alguns coralistas de identidade trans masculina em que os ombros ficavam a frente do tórax e as costas curvadas para frente com o intuito de tornar menos visível a região dos seios. De acordo com Campignion (1996, p. 87), esse padrão, nomeado pelo autor de "tórax bloqueado em inspiração", apresenta diversas tensões no corpo como consequência, limitando a capacidade respiratória. A estratégia da regente foi observar os casos considerando o uso do *binder* e inserir algumas práticas no momento do alongamento e prática do apoio respiratório visando diminuir tensões, como relaxamento dos ombros e quadril.

Em relação aos aspectos fonatórios, foi mapeado, nas vozes trans femininas, excesso de soprosidade, aspecto que pode ser relacionado a um busca por uma "feminilização" da voz. Nestes casos, foram utilizadas consoantes plosivas como /b/, /p/, /t/ e /k/ com o intuito de aumentar o fechamento glótico (Corusse, 2021). Já no caso das vozes transmasculinas, notou- se o uso de modos de fonação mais tensos. O processo da hormonização trans masculinizante, segundo Adler (2012 *apud* Hearns; Kremer,2020), tem como característica uma estrutura laríngea mais rígida, causando dificuldades relacionadas à dinâmica. Nesse caso, os exercícios de trato vocal semiocluído (ETVSO) foram utilizados pois, de acordo com a literatura investigada por Courusse (2021), auxiliam no trabalho para um modo de fonação mais fluido. Notou-se também excesso de nasalidade em algumas vozes trans femininas, que dificultava principalmente a timbragem do grupo. Nestes casos, foram utilizados Exercícios de trato vocal semiocluído (ETVSO) e consoantes plosivas com o intuito de promover a diminuição da nasalidade (Corusse, 2021).

O repertório foi pensado a partir das especificidades do grupo, que na maioria das vezes apresentava um desequilíbrio entre os naipes. Com base na experiência entre os anos de 2023 e 2025, foi possível observar um padrão: o coro contou com poucas vozes agudas compatíveis com o naipe soprano. Acreditamos que alguns fatores contribuíram para essa predominância de vozes médio-graves. Entre eles, observa-se que, no grupo, pessoas com identidades trans femininas conseguiram compor os naipes baixo, barítono, tenor e, em alguns casos, mezzo-soprano. Este aspecto se relaciona com o fato de que as vozes afetadas pela testosterona na adolescência não conseguem reverter os efeitos da muda vocal (Hearns, Kremer, 2018), sendo que identidades transfemininas conseguem agudizar a voz por meio de

estratégias técnicas de acesso da voz de cabeça, sendo raro vozes que consigam acessar as notas agudas do naipe de soprano com essa estratégia. Já as pessoas com identidades trans masculinas, que inicialmente poderiam ocupar o naipe soprano, frequentemente, passam por mudanças vocais profundas após o início da hormonização (Hearns; Kremer, 2018), o que faz com que, em poucos meses, essas vozes migrem para naipes mais graves.

Entre as canções, trabalhamos com um repertório que possui uma relação simbólica com os integrantes, buscando promover maior identificação. Um exemplo é a peça *"Oração"*, da compositora Linn da Quebrada, apresentada com um arranjo autoral adaptado às necessidades do grupo. Também integram o repertório cantos de origem afro-brasileira, que dialogam com as vivências e experiências dos coralistas. O coro, em um processo colaborativo, se estruturou como um coro cênico, promovendo apresentações repletas de sentido e criatividade por parte do grupo.

Considerações finais

Como foi apresentado, o trabalho com vozes trans exige do professor, regente e preparador vocal conhecimentos referentes à hormonização, identidade de gênero e ao contexto social de pessoas trans e travestis. Apesar de ser um tema emergente, a escassez de pesquisas em nosso país sobre a pedagogia vocal para pessoas trans demonstra a relevância da presente pesquisa. Além disso, a representação científica protagonizada por pessoas trans é escassa. Boa parte das pesquisas são realizadas por pessoas cisgêneros. Entendemos que isso seja um reflexo direto da exclusão de pessoas trans no ambiente de pesquisa e educação.

Desta forma, acreditamos que ações como a Llista Trans podem abrir caminhos para novos questionamentos sobre a forma de pensar o canto em coro e a pedagogia vocal.

A criação do Coro Llista Trans demandou da regente um olhar atento, voltado à construção de um ambiente acolhedor e criativo, pautado na escuta e no respeito às singularidades. Além disso, o manejo técnico-vocal do grupo exigiu uma pesquisa aprofundada, tanto na literatura especializada quanto nos estudos da ciência da voz e da fisiologia vocal de pessoas trans.

Consideramos o projeto uma conquista significativa em termos de representatividade da população trans, não apenas por dar voz, literalmente e simbolicamente, a essas pessoas,

mas também por colocar uma mulher trans e preta como protagonista na criação e condução do grupo artístico, bem como na reflexão teórica e científica sobre um tema tão relevante para o canto coral e a pedagogia vocal.

Referências

BARROS, Alana Dantas. *A relação entre a voz e a expressão de gênero: A percepção de pessoas transexuais***.** Dissertação (Mestrado em Música). Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto: a operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros.* 2021. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

CAMPIGNION, Phillippe. *RESPIR-AÇÕES: A respiração para uma vida saudavel,* tradução: Lucia Campello Hahnl, Editora: Summus Editorial LTDA, São Paulo, 1998.

CONLEY, Ely. *Creating Gender Liberatory Singing Spaces: A Transgender Voice Teacher's Recommendations for Working with Transgender Singer*, Disponível em :Creating Gender Liberatory Singing Spaces: A Transgender Voice Teacher's Recommendations for Working with Transgender Singers - Eli Conley, 2017.

CORUSSE, M. V. *A pedagogia vocal no canto popular brasileiro:* estética, técnica e formalização nas escolas técnicas e conservatórios públicos de São Paulo. Tese (Doutorado em Música). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2021.

COSTA, Angelo. SUMÁRIO EXECUTIVO - *Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS*, Disponível em: População trans ainda é mais vulnerável ao estigma e à discriminação no Brasil | As Nações Unidas no Brasil, Brasil, 2019.

FERRINI, Ana Paula Vieira. *Artistas transgêneros e o processo de construção da identidade vocal a partir do ensino de canto popular*, 2018; Monografia (Especialização em Pós-graduação em canção popular). São Paulo: Faculdades Santa Marcelina, 2018.

HEARNS, Liz Jackson; KREMER, Brian. *The singing teacher's guide to transgender voices*. San Diego: Plural Publishing, 2018.

KIENEN, João Gustavo; SILVA, Jully Vidal Guimarães. Fisiologia Vocal da Transexual. In: *Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, 30, Manaus, 2020.

LESSLEY, Emerald. *Teaching transgender singers*. 2017. Tese (Doutorado em Artes Musicais) – School of Music, University of Washington, Seattle, 2017

PALKKI, Joshua. INCLUSIVITY IN ACTION: Transgender Students in the Choral Classroom.In:

The Choral Journal, vol. 57, n. 11, 2017, pp. 20–35.

RAYA, Alejandra Gómez. Intervención logopédica en la feminización de la voz en transexuales: revisión bibliográfica. In: *Revista de Investigación en Logopedia*, Disponível em: http://dx.doi.org/10.5209/RLOG.59528, 2018.

SANTOS, Márcia Cristina Brasil. Protoformas do Processo Transexualizador no Brasil: apontamentos sobre a tortuosa institucionalização da assistência à saúde de pessoas Trans no SUS entre 1997 e 2008. In. *Sex, Salud Soc*, Rio de Janeiro, 2022

São Paulo (SP). Secretaria Municipal da Saúde. Coordenação da Atenção Primária à Saúde. *Protocolo para o atendimento de pessoas transexuais e travestis no município de São Paulo*, Secretaria Municipal da Saúde |SMS|PMSP, 2020.